

A Esplanada já tem sua praça

CONCEIÇÃO FREITAS E
PABLO REBELLO

DA EQUIPE DO CORREIO

Quando começou o jogo entre o time que não queria a Praça da Soberania na Esplanada contra o time dos que queriam, um dos jogadores do contra tinha razões fortemente afetivas para participar da disputa, a arquiteta Maria Elisa Costa. Finda a disputa, a filha de Lucio Costa está “muito contente” com o resultado. Desde o começo constrangida por ter de estar do lado dos adversários do parceiro de seu pai na construção de Brasília, Maria Elisa carregou uma angústia extra. Ela conhece Oscar Niemeyer desde que tinha 3 anos de idade. “Era uma convivência quase familiar”, lembrou-se dias atrás. Por isso, o fim da peleja lhe trouxe contentamento e alívio.

O mais importante é que a Esplanada continua “livre, desimpedida, gramada”. E a praça está lá: é a Rodoviária. “Toda essa polêmica me revelou esse lado praça da Rodoviária. Lá embaixo (na plataforma inferior), tem um mundo de gente andando pra todo o lado, conversando, esperando o ônibus. Essa é a verdadeira praça do Plano Piloto”, diz. O tenso jogo entre os contra e os a favor também produziu um acontecimento inédito na história da cidade. Maria Elisa diz que nunca seu pai, Lucio Costa, foi tão lembrado. “Nunca o nome dele veio a tona tão claramente e fartamente como agora”. A filha do criador da cidade refere-se ao fato de o nome de Lucio Costa não ser tão insistentemente vinculado a Brasília, pela maioria da população, como são os nomes de Oscar Niemeyer e Juscelino Kubitschek.

Mas há outras competições pela frente. “Agora, o grande

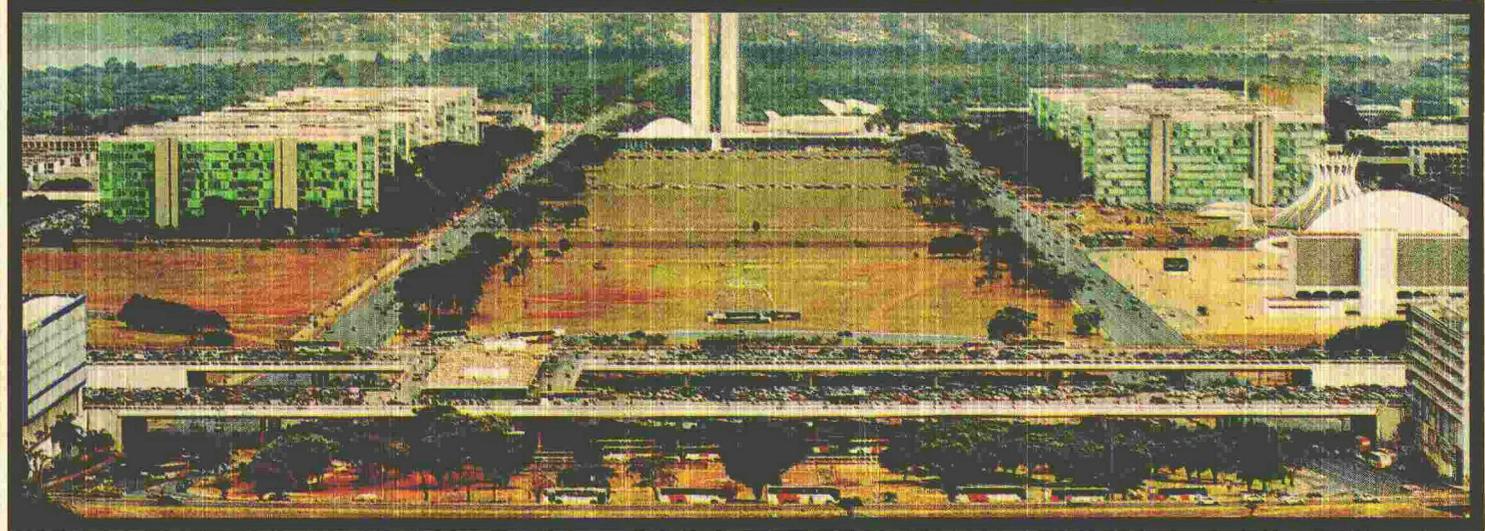
assunto é não mexer na Portaria 314 (uma das que protegem o tombamento de Brasília) e delimitar o entorno da área tombada. É preciso fazer uma transição agradável da área preservada à grande Brasília”, defende Maria Elisa. A ex-presidente do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (Iphan) diz que é preciso estabelecer critérios para a área fronteira ao sítio tombado, para que o Plano Piloto “não seja um aviãozinho muito triste atrás de uma paliçada de prédios de 20 andares.”

Quanto à área tombada propriamente dita, Maria Elisa Costa diz que nela “o mercado não manda, o mercado obedece”, referindo-se aos empreendedores imobiliários. E se defende a Portaria 314 a arquiteta não é do time dos que querem derrubar o inciso 5, que permite a Niemeyer (e permitia a Lucio Costa) fazer intervenções na cidade. “Basta ter bom-senso (para propor alterações na área tombada).”

Reações contrárias

A polêmica em torno da construção da Praça da Soberania começou em 9 de janeiro, depois que Niemeyer apresentou o projeto ao governador José Roberto Arruda. O arquiteto escolheu o gramado central da Esplanada dos Ministérios, a 400m da Rodoviária do Plano Piloto, para erguer a obra. O chão de concreto abrigaria dois monumentos. Um prédio curvo, onde funcionaria o memorial dos ex-presidentes, e um obelisco de base triangular de 100m de altura que apontaria para o Congresso Nacional. Na ocasião, o governador elogiou o projeto e se comprometeu a tirá-lo do papel. Mas reações contrárias à construção da praça não tardaram a aparecer. Principalmente pelo fato de

Breno Fortes/CB/D.A Press - 3/11/08



PELO PROJETO DE NIEMEYER, PRAÇA DA SOBERANIA SERIA CONSTRUÍDA NO GRAMADO CENTRAL DA ESPLANADA, A POUCOS METROS DA RODOVIÁRIA

Niemeyer ter escolhido o canteiro central da Esplanada para construir a praça.

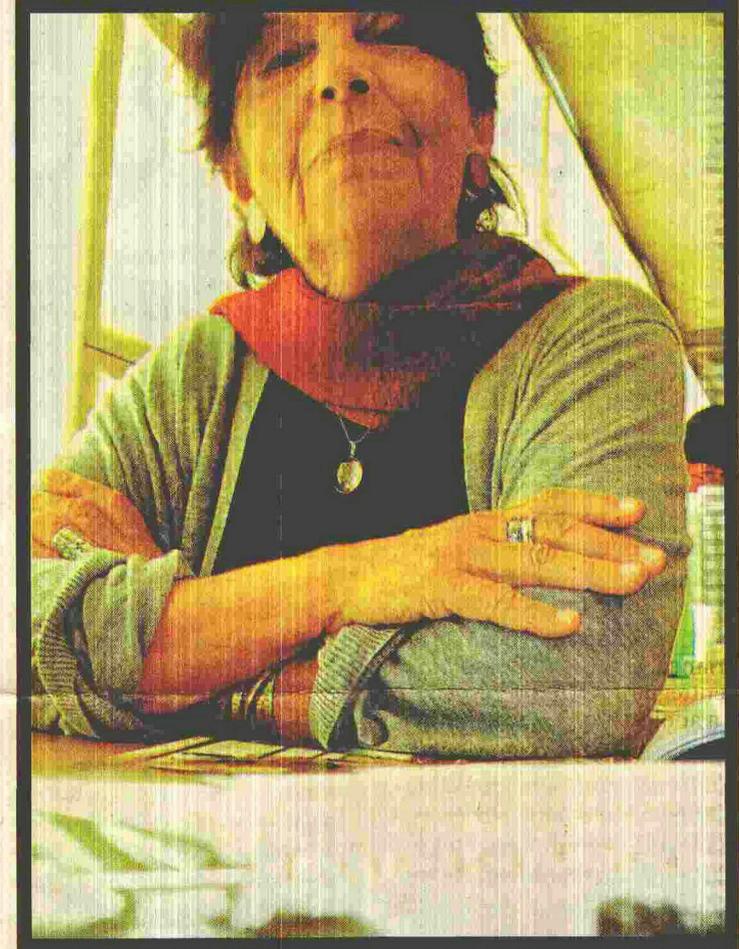
O governador Arruda disse ontem, durante evento pela manhã, que Niemeyer, ao abrir mão do projeto, tomou uma decisão sensata, que levou em conta as dificuldades econômicas que o governo local enfrenta. “Tivemos uma queda de arrecadação de 6,8% em janeiro. Tenho que manter os benefícios sociais, os investimentos já iniciados, segurar tudo. Não é hora de começar uma obra nova”, argumentou. Na avaliação do governador, por enquanto, é melhor esperar para ver como vai ficar o comportamento da arrecadação do Distrito Federal.

No entanto, Arruda não fechou as portas para futuras discussões acerca do projeto. “O interessante agora é deixar a poeira baixar para que, com serenidade, no futuro, analisemos isso melhor”, afirmou. Para tanto, disse estar disposto a voltar a se encontrar com Niemeyer, “quando surgir uma oportunidade”, para conversar sobre o projeto e outros assuntos. O governador ainda apro-

veitou a ocasião para elogiar a atitude e o caráter do arquiteto. “Foi uma decisão sensata. Ele é um homem inteligente. O momento atual não nos permitiria começar novos investimentos e ele entende isso”, defendeu.

Para Carlos Magalhães, arquiteto e representante do escritório de Niemeyer em Brasília, a discussão se estendeu além do que devia e permitiu que o colega e amigo cometesse um erro grave. “O Oscar não devia se envolver nesse assunto de preservação. Isso afeta tanto o trabalho de Lucio Costa quanto o dele. Se abrir mão de qualquer coisa nesse assunto, Brasília vai pro brejo. Imagina se chega alguém com a ideia de colocar um monumento entre o Museu Nacional e a Biblioteca Nacional?”. Ele ainda considerou que Niemeyer não devia se mostrar ávido para entrar em uma “briga boa”. “Na idade em que nos encontramos, qualquer briga é prejudicial. E olha que ainda sou um menino de 76 anos comparado ao Oscar. Não estamos mais em época de brigas, mas de raciocínio”, argumentou.

Ricardo Miranda/Esp. CB/D.A Press - 12/6/08



MARIA ELISA COSTA: ALÍVIO E CONTENTAMENTO COM O FIM DA POLÊMICA